



FORMAS SIMPLES E PERIFRÁSTICAS DE PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO E DE PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO EM VARIAÇÃO

SIMPLE AND PERIPHRASTIC FORMS OF PLUPERFECT PAST
 TENSE OF THE INDICATIVE AND IMPERFECT
 PAST TENSE OF THE SUBJUNCTIVE IN VARIATION

Márluce Coan*, Francisco José Gomes de Sousa**,
 Laila Cavalcante Romualdo***

RESUMO

Via análise de 837 dados de 1887 a 2012, provenientes de revistas históricas do Instituto do Ceará, mostramos como a forma de pretérito mais-que-perfeito simples foi perdendo espaço ao imperfeito do subjuntivo na codificação da função conjuntiva, especializando-se em contextos bastante restritos, especialmente aqueles nos quais há verbo de estado, *dicendi* ou modal, bem como ausência de conector. Ademais, seu principal nicho de ocorrência é a sincronia de 1887 a 1899. Em análise global, os dados estão assim distribuídos: 39 dados de pretérito mais-que-perfeito simples, 609 dados de pretérito imperfeito do subjuntivo, 85 de pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo, 11 de perífrase verbal do mais-que-perfeito simples do indicativo e 93 de perífrase verbal do pretérito imperfeito do subjuntivo. Em termos teóricos, aludimos a dois dos princípios de mudança propostos por Weinreich, Labov e Herzog (1968): transição e restrições. Mostramos o cenário de transição, ao considerarmos tendências de uso de cada uma das formas sob análise por sincronia: 1887-1899; 1944-1956 e 2000-2012, bem como restrições de uso, ao mapearmos contextos de ocorrência por tipo verbal, uso de conector, polaridade, tipo oracional, gênero textual e sincronia. Trata-se de empreitada que possibilita mais conhecimento sobre a gramática do Português e sobre

* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Titular do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7809-8624>

** Graduando em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e em suas Literaturas pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6115-0107>

*** Graduanda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa e em suas Literaturas pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6923-7442>

a história da língua, por mostrar como certas mudanças foram consolidadas, que fatores contribuíram e quais são, ainda, os contextos de resistência.

Palavras-chave: função conjuntiva; pretérito mais-que-perfeito; pretérito imperfeito do subjuntivo.

ABSTRACT

Through an analysis of 837 data from 1887 to 2012, extracted from Institute of Ceará historical journals, we showed how the simple pluperfect past tense form has been losing space to the imperfect of the subjunctive, in the codification of the subjunctive function, specializing itself in quite restrict contexts, especially those in which there are verbs of state, dicendi or modal, as well as the absence of a connector. Moreover, its main occurrence niche is the synchrony between 1887 and 1899. In global analysis, data are distributed as follows: 39 simple pluperfect past tense data, 609 subjunctive past imperfect data, 85 compound pluperfect past in the subjunctive mode, 11 verbal periphrasis of the simple pluperfect past tense in the indicative mode and 93 verbal periphrasis of the subjunctive imperfect past. In theoretical terms, we alluded to two of the principles of change proposed by Weinreich, Labov and Herzog (1968): transition and restrictions. We showed the transition scenario when we considered tendencies in the use of each of the forms under analysis per synchrony: 1887-1899; 1944-1956 and 2000-2012, as well as the usage restrictions, when mapping occurrence contexts per verbal type, use of connector, polarity, clause types, textual genre, and synchrony. The research is an undertaking that allows more knowledge of Portuguese grammar and of the history of the language, by showing how certain changes have been consolidated, which factors have contributed, and which are the contexts of resistance.

Keywords: subjunctive function; pluperfect past; imperfect past subjunctive.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para expressar condição no português do Brasil, utiliza-se, em geral, o pretérito imperfeito do subjuntivo (01), como observam Gryner (1998), Neves e Souza (1999), Prestes (2003), Back (2008), dentre outros. O mais-que-perfeito simples (02) também se presta a essa função, conforme Fiorin (1996) e Martins e Paiva (2013), no entanto, é considerada forma obsoleta, pois foi perdendo vez neste espaço conjuntivo ao longo do tempo, como atesta Coan (2003). Em amostra do século XVI ao século XX, a autora encontrou somente 55 dados de mais-que-perfeito conjuntivo, dos quais 47 são do século XVI.

(01) Assim, seria mais adequado se aquele título **DISSESSE**: «A Cultura Brasileira inventa o Brasil» [...]¹

(02) A LETTERA, o MUNDUS NOVUS e as QUATUOR NAVIGATIONES não teriam tido tantos leitores como lograram, se não **FORA** o romanesco episódio de canibalismo²

¹ Artigo: Formação do povo brasileiro e da nação, seu agonístico caráter nacional – alguns balizamentos, 2009, p. 121.

² Artigo: Protohistória cearense, 1944. p. 155.

Embora não se aborde com frequência a função conjuntiva codificada pelo pretérito mais-que-perfeito, há, em algumas gramáticas, registros referentes à substituição do pretérito imperfeito do subjuntivo pelo pretérito mais-que-perfeito simples por razões literárias ou estilísticas, como em Barbosa (1830 [1822]), Almeida (1989), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009). Barbosa chama-nos atenção para o fato de que, para garantir simetria em certos enunciados, quando –ra substitui –ria (*achara/dera*, em (03)), também substitui –sse (*fora*, em (03)). Lembra, ainda, o autor que, em português, –ra substitui –sse somente nas condicionais, já que não dizemos, por exemplo: *Ele queria que eu viera*, como ocorre em castelhano (*Él quería que yo viniera*).

(03) Se eu **FORA** hum dos beneméritos; em mim mesmo, e no meu próprio merecimento **achara** tão grandes razões de me consolar, que sem outra mercê nem despacho, me **dera** por mui contente e satisfeito³

Ressalva-se, contudo, que o fato de encontrarmos uma forma aqui, outra acolá, indica persistência do mais-que-perfeito porque, pelo que atesta Becker (2008, 2012), o mais-que-perfeito conjuntivo, em português, resistiu somente até o século XIX. Trata-se, conforme o autor, de função residual do pretérito mais-que-perfeito: “uma estratégia estilística altamente marcada no reino da retórica pomposa” (BECKER, 2008, p. 106). A título de comparação, pode-se citar o caso do espanhol: inversamente ao que ocorre em português, conforme Alarcos (1994), Rojo (1996) e Rojo e Rozas (2014), há, em espanhol, uso da forma –ra nas condicionais, sendo a forma em –se a que teria valor estilístico.

O emprego do mais-que-perfeito com valor [*menos realis*], de acordo com Ravizza (1958, p. 265 *apud* MARTINS; PAIVA, 2013, p. 543), “já era atestado em latim, principalmente com os verbos modais *poder* e *dever*; expressões modalizadoras como “ser necessário”, “ser desejável”, com os verbos *credo*, *puto*, *arbitror*, *opinor* e análogos, especialmente se precedidos de negação [...], e na apódoxe de períodos condicionais”. A manutenção de usos de mais-que-perfeito em verbos modais foi atestada, mais recentemente, por Coan (2003) e Brocardo (2010, 2012). Para Coan (2003), a permanência do mais-que-perfeito simples com verbos modais sugere um processo metafórico: do espaço real, mais assertivo (mais-que-perfeito temporal), para o espaço modal, menos assertivo. Brocardo (2010, 2012), por sua vez, observa que persistem usos condicionais ou conjuntivos do mais-que-perfeito, incluindo-se as formas atestadas com valor modal, tais como: *Quem me dera (ser rica)*, parafraseável por *Como eu gostaria de (ser rica)*, ou *Fora eu (rica)*..., parafraseável por *Se eu fosse (rica)*... (exemplos da autora).

Com base em achados da literatura que revelam o pretérito mais-que-perfeito simples como variante do pretérito imperfeito do subjuntivo, nossa pesquisa versa sobre esse processo de variação, porém, para além dessas duas formas, incluímos três outras na análise, tendo em vista a acepção conjuntiva que expressam. Sendo assim, compomos uma proposta de investigação pautada em cinco formas de codificação da função conjuntiva: (i) pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo, (ii) pretérito imperfeito do subjuntivo, (iii) pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo, (iv) perífrase verbal do pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo e (v) perífrase verbal do pretérito imperfeito do subjuntivo, respectivamente ilustradas de (04) a (08) a seguir.

(04) Se não **FORA** a execução dessas mudanças elaboradas simples e puramente por um só processo, por exemplo, a velocidade de transformação da mentalidade dos diversos povos chineses teria sido lenta e paulatina⁴

³ Pe. Antonio Vieira – In: Barbosa, [1822] 1830, p. 214.

⁴ Conferências e Palestras: O que foi a Revolução Cultural na China?, 2006, p. 275.

(05) Se ele **POSSUÍSSE** um estilo correspondente à sua portentosa imaginação e às faculdades observadas, seria um dos primeiros romancistas brasileiros, talvez o primeiro, depois de Alencar⁵

(06) [...] Na Antiguidade Clássica, a recomposição do passado dificilmente teria atingido o nível obtido se não **TIVESSE USADO** as informações orais como uma fonte básica de compreensão histórica. [...]⁶

(07) Se eu **TIVERA QUE BUSCAR** um prazer capaz de me amparar em todas as circunstâncias, fonte de felicidade e de alegria na vida, defesa contra os males, mesmo quando tudo fosse pelo pior e tivesse o mundo contra mim, esse prazer seria o gosto da leitura⁷

(08) Se **FÔSSEMOS UTILIZAR** todas as entrevistas efetuadas, ao longo da pesquisa que se estendeu num período de doze meses, ou pelo menos explorar a maioria delas, vários seriam os temas revelados, que muitas vezes se entrelaçam pelo teor do conteúdo transmitido. [...]⁸

Consideramos essas formas em variação em três sincronias: 1887-1899; 1944-1956 e 2000-2012, visando à análise de um dos princípios de mudança, a transição (nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (1968)). Ademais dessa investigação, mapeamos contextos de uso, seja por gênero textual, seja por fatores de natureza semântico-sintática, objetivando a busca por restrições (outro dos princípios de mudança, conforme Weinreich, Labov e Herzog (1968)).

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Considerando-se que há cinco formas de codificação, utilizadas em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade na acepção de (LABOV, 1978), para a expressão da função conjuntiva, nossa perspectiva analítica versou sobre o processo de variação-mudança ao longo de três sincronias. A mudança, nesse sentido, é vista como consequência da variação: “Afinal de contas, para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação. E constatar o vínculo entre variação e mudança necessariamente implica aceitar a história e o passado como reflexos do presente, dinamicamente se estruturando e funcionando” (TARALLO, 1994, p. 25).

Destacamos, ainda, que a sistematização dos dados por sincronia (do século XIX ao XXI) é essencial para estabelecermos comparações, no sentido de evidenciar (ou não) a manifestação da doutrina do uniformitarismo: alguns mecanismos que operaram para produzir mudanças no passado podem estar operando nas mudanças correntes (LABOV, 1994).

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968), o primeiro passo desse empreendimento é considerar a língua como dotada de *heterogeneidade sistemática*, para, então, descobrir o mecanismo da mudança. Na mudança de um estado da língua a outro, conforme os autores, há estágios de transição, nos quais uma forma passa a ser utilizada em alguns contextos, até ser primordial em todos e tornar a outra obsoleta. Uma vez descoberto o que está mudando (o que está em transição), podemos investigar as condições de mudança (*restrições*): fatores de diferentes ordens (fatores linguísticos e sociais, por exemplo) que motivam ou restringem o uso de uma determinada forma em detrimento de outra(s).

⁵ Artigo: Rodolpho Theóphilo (O polivante polêmico), 2009, p. 220.

⁶ Artigo: A dimensão metodológica da História Oral, 2001, p. 150.

⁷ Discurso: Do Dr. José Waldo Ribeiro Ramos, 1950, p. 382.

⁸ Artigo: Seminário da Prainha, uma outra Fortaleza: um velho tema numa nova opção metodológica, 2007, p. 119.

Dessa guisa, para o fenômeno variável em cena, controlamos: a) polaridade, levando em conta que Becker (2008) e Brocardo (2012) hipotetizam estar o uso do mais-que-perfeito modal associado a contextos negativos, menos factuais do que os afirmativos; b) presença/ausência de conector, devido ao fato de a marcação do conectivo condicional reforçar o valor *irrealis* do mais-que-perfeito (verdade possível em oposição ao valor *realis*, que se refere à verdade por acordo prévio, segundo Givón (1984)); c) tipo oracional, considerando que a variação ocorreria, preferencialmente, em orações condicionais ou em orações comparativo-condicionais, nas quais o mais-que-perfeito serviria como estratégia modal, para admitir como verdadeira uma hipótese; e d) tipo de verbo, já que o uso do mais-que-perfeito, na função conjuntiva, parece estar associado a verbos modais, cuja acepção é mais *irrealis* do que a de outros verbos.

A esses fatores, acoplamos dois outros grupos, um relativo a gênero textual e outro a século, para verificarmos em quais gêneros tem o mais-que-perfeito resistido e como foi decrescendo o seu uso com o passar do tempo (de 1887-1899, passando por 1944-1956, a 2000-2012). Relativamente a gêneros textuais, supomos que, nos gêneros da ordem do argumentar (um dos agrupamentos propostos por Dolz-Mestre e Schneuwly (1996)), o uso do mais-que-perfeito poderia figurar como estratégia de menos comprometimento em contextos argumentativos. Acerca das sincronias, nossa hipótese assenta-se no fato de que pesquisas atuais, com dados orais, não têm evidenciado usos conjuntivos do mais-que-perfeito simples, o que pode indicar consolidação do processo de mudança no último século.

Com base nessas premissas sociolinguísticas (variável-variantes, transição e restrições), seguimos procedimentos metodológicos que visam a demonstrar heterogeneidade sistemática ao longo de sincronias passadas. Para tanto, selecionamos um conjunto de 39 revistas históricas formatadas pelo Instituto do Ceará (Brasil), disponíveis no site: www.institutodoceara.org.br, 13 revistas por sincronia: 1887 a 1899, 1944 a 1956 e 2000 a 2012. Não obtivemos acesso a alguns poucos arquivos do site, razão pela qual desconsideramos a revista na íntegra de 2000 e algumas seções de outras das revistas de 1888, 1949 e 2001 (1888: Actas da Sessão de 22 de Março de 1888 e Notícias da Freguezia de N. S. da Conceição da Caissara – Cura Dr. João Ribeiro Pessoa; 1949: Eufrásia de Almeida; 2001: As Agências Reguladoras).

As variantes (formas simples e perifrásticas de mais-que-perfeito e imperfeito) foram codificadas mediante seis grupos de fatores (polaridade, presença/ausência de conector, tipo oracional, tipo verbal, gênero textual e sincronia), sendo, então, submetidas à análise multivariada no programa GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), método que fornece os pesos relativos das variáveis intervenientes. Conforme Guy e Zilles (2007), o modelo supõe que probabilidades e pesos fazem parte da gramática mental dos falantes: se os pesos estiverem acima de 0,50, favorecem a aplicação da regra; se estiverem abaixo, desfavorecem.

Considerando-se que a competência linguística inclui restrições quantitativas, descrevemos e explicamos, na seção que segue, o funcionamento das estruturas linguísticas que compõem o envelope de variação aqui configurado, para que possam ser feitas generalizações pautadas em interpretação estatística, nas quais, segundo Lass (1980), a ciência está interessada.

3 VARIAÇÃO E MUDANÇA AO LONGO DE TRÊS SINCRONIAS

Da amostra sob análise, obtivemos 837 dados da função conjuntiva (nos termos de Said Ali, 1964), a qual expressa algum tipo de condição requerida à realização daquilo que é expresso na cláusula nuclear. Na Tabela 1 abaixo, apresentamos o quantitativo de cada uma das formas verbais

investigadas. Como prevíamos, há mais usos de imperfeito do subjuntivo (609 dados dos 837, o que equivale a 72.8% da amostra). Ademais, a perífrase de imperfeito do subjuntivo (93 dados) e a forma composta, cujo auxiliar está no imperfeito (85 dados) são mais frequentes do que o mais-que-perfeito simples e a perífrase de mais-que-perfeito simples, comprovando a primazia do imperfeito na codificação da função conjuntiva. Ressalta-se que as formas verbais que se encontravam na terceira pessoa do plural (-SSEM / -RAM) foram descartadas, tendo em vista que seus contextos de ocorrência impossibilitavam ou dificultavam a comutação entre o imperfeito do subjuntivo e o mais-que-perfeito do indicativo, além de este apresentar formas homônimas com o pretérito perfeito simples do indicativo, conforme os dados (09) e (10).

(09) E se a inveja e a ignorância **CONSEGUISSEM** fazer apagar e esquecer o que a mão escreveu, nas cicatrizes benfeitoras que cada cearense traz nos braços, está gravada a marca de sua ciência generosa, velho avô [...] ⁹

(10) Ficando os ditos olhos de agoa em meyo, meya Legana buscando o caminho matta fresca, e outra meya legoa para sima, buscando o poente, as quais terras se acham devolutas e desaproveitadas, e nunca foram pedidas, e se o **FORAM**, não o pontuarão e assim estam sem darem lucros as Rendas Reais ¹⁰

Tabela 1 – Correlação entre forma verbal e expressão da função conjuntiva

Forma Verbal	Aplicação/Total	Percentual
Pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	39/837	4.6
Pretérito imperfeito do Subjuntivo	609/837	72.8
Pretérito mais-que-perfeito composto do Subjuntivo	85/837	10.2
Perífrase verbal do mais-que-perfeito simples do Indicativo	11/837	1.3
Perífrase verbal do pretérito imperfeito do Subjuntivo	93/837	11.1

Fonte: elaborada pelos autores.

Após o mapeamento das formas de codificação da função conjuntiva, analisamos seus contextos de ocorrência, para delinear as tendências de uso. Dessa guisa, configuramos nossa análise em três seções: consideramos, em princípio, na seção 3.1, comparação entre sincronias e gêneros textuais; em seguida, em 3.2, tratamos dos contextos sintático-semânticos; por fim, expomos resultados de uma análise multivariada no Goldvarb X, em 3.3.

3.1 TENDÊNCIAS DE CODIFICAÇÃO DA FUNÇÃO CONJUNTIVA POR SINCRONIA E GÊNERO TEXTUAL

A análise dos dados por sincronia mostra decréscimo de uso das formas típicas de mais-que-perfeito com o passar dos anos: só há seis dados de mais-que-perfeito simples na amostra de 2000-2012, e nenhum dado da perífrase de mais-que-perfeito simples, ao passo que as formas de imperfeito se mantêm vigorosas.

⁹ Artigo: Rodolpho Theóphilo (O polivalente polêmico), 2009, p. 232.

¹⁰ Notas e Transcrições: Diversos – Cartas e Registros de Sesmarias, 1893, p.151.

Tabela 2 – Correlação entre forma verbal e sincronia na expressão da função conjuntiva (aplicação/total/percentual)

Forma verbal \ Sincronia	Pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	Pretérito imperfeito do Subjuntivo	Pretérito mais-que-perfeito composto do Subjuntivo	Perífrase do pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	Perífrase do pretérito imperfeito do Subjuntivo
1887-1899	18/319/5.6	228/319/71.5	33/319/10.4	8/319/2.5	32/319/10.0
1944-1956	15/308/4.9	221/308/71.7	27/308/8.8	3/308/1.0	42/308/13.6
2000-2012	6/210/2.9	160/210/76.2	25/210/11.9	0/210/0.0	19/210/9.0

Fonte: elaborada pelos autores.

Os dados obtidos revelam que o mais-que-perfeito simples por si só e o mais-que-perfeito simples em perífrase, embora sejam bem menos frequentes na função conjuntiva, ainda ocorrem nas três sincronias sob análise: a) na primeira sincronia sob análise (1887-1899), há 18 dados de mais-que-perfeito simples e 08 de perífrase; b) na segunda sincronia (1944-1956), há 15 de forma simples e 03 de perífrase; c) na terceira, de 2000 a 2012, há somente dados da forma simples, 06 dados. Esses resultados ilustram o processo de mudança, mais especificamente, o estágio de transição, um dos princípios de mudança, conforme Weinreich, Labov e Herzog (1968), já que uma forma passa a ser utilizada em mais contextos (o imperfeito), até ser primordial em todos e tornar a outra (a simples) obsoleta.

O gênero textual revelou-nos que o mais-que-perfeito simples é mais frequente (frequência *token*) no gênero artigo, embora haja dados em notas, registro bibliográfico, discurso, homenagem e conferência/palestra. A perífrase de mais-que-perfeito também ocorre com mais frequência em artigos, havendo somente dois dados em outros gêneros, um dado em notas e outro em discursos.

Tabela 3 – Correlação entre forma verbal e gênero textual na expressão da função conjuntiva (aplicação/total/percentual)

Formaverbal \ Gênero textual	Pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	Pretérito imperfeito do Subjuntivo	Pretérito mais-que-perfeito composto do Subjuntivo	Perífrase do pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	Perífrase do pretérito imperfeito do Subjuntivo
Carta ao leitor	0/1/0.0	1/1/100.0	0/1/0.0	0/1/0.0	0/1/0.0
Artigo	32/641/5.0	461/641/71.9	69/641/10.8	9/641/1.4	70/641/10.9
Atas das Sessões	0/23/0.0	20/23/87.0	0/23/0.0	0/23/0.0	3/23/13.0
Notas/Transcrições	2/22/9.1	14/22/63.7	1/22/4.5	1/22/4.5	4/22/18.2
Registro Bibliográfico	1/8/12.5	6/8/75.0	0/8/0.0	0/8/0.0	1/8/12.5
Discursos	2/81/2.5	58/81/71.6	9/81/11.1	1/81/1.2	11/81/13.6
Homenagem Póstuma	1/15/6.7	14/15/93.3	0/15/0.0	0/15/0.0	0/15/0.0
Conferências e Palestras	1/20/5.0	13/20/65.0	3/20/15.0	0/20/0.0	3/20/15.0
Documentos	0/22/0.0	19/22/86.4	3/22/13.6	0/22/0.0	0/22/0.0
Relatório da Secretaria Geral	0/1/0.0	1/1/100.0	0/1/0.0	0/1/0.0	0/1/0.0
Documentário	0/3/0.0	2/3/66.7	0/3/0.0	0/3/0.0	1/3/33.3

Fonte: elaborada pelos autores.

Ademais de haver mais dados brutos de mais-que-perfeito em artigos, proporcionalmente ao imperfeito, o percentual é baixíssimo. Chama-nos a atenção o fato de haver um dado aqui, outro acolá, nos gêneros da ordem do expor, nos quais existe a pretensão de ressaltar, relevar, destacar algo ou alguém, como em homenagem, discurso e conferência.

3.2 TENDÊNCIAS DE CODIFICAÇÃO DA FUNÇÃO CONJUNTIVA POR CONTEXTO SINTÁTICO-SEMÂNTICO

Em se tratando de análise linguística, iniciamos nossas considerações pelo grupo polaridade, cujos fatores ilustramos em (11) e (12), respectivamente contexto de polaridade afirmativa e de polaridade negativa. Os resultados revelam mais uso da função conjuntiva em orações afirmativas, conforme Tabela 4, no entanto devemos atentar para o fato de que, no uso de mais-que-perfeito, o percentual para a polaridade negativa suplanta o outro (o afirmativo).

(11) É importante, porém, ressaltar que o nosso autor não declara ser a religião condição essencial da moral. Se **FORA** assim, não haveria consciência emancipada.¹¹

(12) Seria deleitável expor suas ‘explicações’, se não **FOSSE** tão longo abusar da paciência do leitor. [...]¹²

Tabela 4 – Correlação entre forma verbal e polaridade na expressão da função conjuntiva (aplicação/total/percentual)

Forma verbal \ Polaridade	Pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	Pretérito imperfeito do Subjuntivo	Pretérito mais-que-perfeito composto do Subjuntivo	Perífrase do pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	Perífrase do imperfeito do Subjuntivo
Orações afirmativas	25/656/3.8	479/656/73.0	66/656/10.1	8/656/1.2	78/656/11.9
Orações negativas	14/181/7.7	130/181/71.8	19/181/10.5	3/181/1.7	15/181/8.3

Fonte: elaborada pelos autores.

Os números brutos, expostos na Tabela 5, evidenciam forte presença de conector oracional, no entanto, se atentarmos aos percentuais, é a ausência de conector que motiva o mais-que-perfeito simples (conforme exemplo (13)), e a presença, o imperfeito (conforme exemplo (14)). Para a forma composta e para as perífrases, há equilíbrio percentual.

(13) Não **FORA** o facto de conter preciosos informes do Brasil sob domínio batavo, e mesmo de outras regiões em poder flamengo, não despertaria tanta curiosidade¹³

(14) Dizia-se ser Frutuoso possuidor de ‘grossos cabedais’ provindos do comércio exportador. Mas achava ele que mais poderia produzir se **TIVESSE** maior contato com estas riquezas da terra. [...]¹⁴

¹¹ Artigo: O Tradicionalismo do Visconde de Sabóia, 2004, p. 14.

¹² Artigo: Existe o Nordeste? (gênese de sua invenção como região), 2005, p.130.

¹³ Artigo: Um livro desconhecido sobre o Brasil Holandês, 1948 p. 286.

¹⁴ Artigo: A Família Barbosa Cordeiro, 2005, p. 18.

Tabela 5 – Correlação entre forma verbal e uso de conectivo oracional na expressão da função conjuntiva (aplicação/total/percentual)

Forma verbal Conectivo	Pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	Pretérito imperfeito do Subjuntivo	Pretérito mais-que-perfeito composto do Subjuntivo	Perífrase do pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	Perífrase do pretérito imperfeito do Subjuntivo
presença	34/808/4.2	592/808/73.3	82/808/10.1	11/808/1.4	89/808/11.0
ausência	5/29/17.2	17/29/58.6	3/29/10.4	0/29.0./0.0	4/29/13.8

Fonte: elaborada pelos autores.

Em relação aos tipos oracionais, em princípio, investigaríamos apenas os contextos de oração condicional e comparativo-condicional (conforme exemplos (15) e (16)), entretanto, de posse dos dados, fomos percebendo outras sutilezas relativamente à expressão de uma condição, por exemplo, estruturas híbridas com teor temporal-condicional, consecutivo-condicional, proporcional-condicional, aditivo-condicional, aditivo-comparativo-condicional, aditivo-adversativo-condicional, adversativo-condicional, adversativo-temporal-condicional, adversativo-consecutivo-condicional, alternativo-condicional, alternativo-temporal-condicional, alternativo-comparativo-condicional, alternativo-explicativo-condicional, explicativo-condicional, adjetiva explicativa/restritiva e completiva subjetiva.

Os contextos sintáticos híbridos, com exceção do comparativo-condicional, não são propícios ao mais-que-perfeito simples, conforme se observa na Tabela 6, na qual distribuímos os dados (aplicação/total/percentual) por forma de codificação e por função sintático-semântica. Além disso, as ocorrências de orações que não expressam um conectivo condicional prototípico (“se”, por exemplo) tendem a manifestar a função conjuntiva de maneira implícita, pois evocam outras noções semânticas predominantes no enunciado pelos aspectos formais de sua construção, mas, devido à sobreposição, um teor de condição também é conferido à proposição, conforme se pode observar, a título de ilustração, em (17) e (18), em que o imperfeito ocorre, respectivamente, em uma estrutura adversativo-condicional e em uma estrutura adversativo-temporal-condicional.

(15) Educou sobrinhos, auxiliou parentes, ajudou amigos. Se não **FORA** político militante – destacou-se como chefe local da L.E.C., em 1935 – poucos vigários poderiam ombrear-se com ele na estima de seus paroquianos¹⁵

(16) Ele nos disse, despretenciosamente, em palestra íntima, confirmando o nosso justificado encantamento, que Dom Antonio de Almeida Lustosa mostrava-se capacitado nas dificuldades que precisamos enfrentar e combater, como se há muito **PERMANECERA** entre nós, convivendo com este povo sujeito secularmente ao suplício das irregularidades pluviométricas¹⁶

(17) Mas não **FOSSE** por amisade, e sim por escrupulos da consciencia, nada mais natural neste caso do que Braga, por dever de lealdade, transmitir ao novo chefe o motivo ponderoso da sua adesão, para que elle se acautelasse [...] ¹⁷

(18) Mas, quando assim não **FOSSE**, onde o consentimento do réo já pêsou para a sua execução? Nessa mesma Roma antiga e pagã já era preceito sabido e respeitado – que não se **DÉSSE** ouvidos a quem quizesse morrer [...] ¹⁸

¹⁵ Artigo: Minha árvore genealógica, 1950, p. 78.

¹⁶ Discurso: Recepção de novos sócios, 1944, p. 213.

¹⁷ Artigo: Presidentes do Ceará – Período Regencial – parte II, 1899, p. 140.

¹⁸ Artigo: Presidentes do Ceará – Período Regencial – parte I, 1899, p. 76.

Tabela 6 – Correlação entre forma verbal e tipo oracional na expressão da função conjuntiva (aplicação/total/percentual)

Forma verbal \ Tipo oracional	Pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	Pretérito imperfeito do Subjuntivo	Pretérito mais-que-perfeito composto do Subjuntivo	Perífrase do pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	Perífrase do pretérito imperfeito do Subjuntivo
Condicional	29/552/5.3	393/552/71.2	60/552/10.9	8/552/1.4	62/552/11.2
Comparativo-condicional	9/135/6.7	93/135/68.9	17/135/12.6	3/135/2.2	13/135/9.6
Temporal-condicional	0/25/0.0	22/25/88.0	0/25/0.0	0/25/0.0	3/25/12.0
Consecutivo-condicional	0/2/0.0	2/2/100.0	0/2/0.0	0/2/0.0	0/2/0.0
Proporcional-condicional	0/2/0.0	2/2/100.0	0/2/0.0	0/2/0.0	0/2/0.0
Aditivo-condicional	1/27/3.7	25/27/92.6	0/27/0.0	0/27/0.0	1/27/3.7
Aditivo-comparativo-condicional	0/10/0.0	9/10/90.0	0/10/0.0	0/10/0.0	1/10/10.0
Aditivo-adversativo-condicional	0/2/0.0	2/2/100.0	0/2/0.0	0/2/0.0	0/2/0.0
Adversativo-condicional	0/15/0.0	10/15/66.7	2/15/13.3	0/15/0.0	3/15/20.0
Adversativo-temporal-condicional	0/1/0.0	1/1/100.0	0/1/0.0	0/1/0.0	0/1/0.0
Adversativo-consecutivo-condicional	0/1/0.0	1/1/100.0	0/1/0.0	0/1/0.0	0/1/0.0
Alternativo-condicional	0/4/0.0	3/4/75.0	1/4/25.0	0/4/0.0	0/4/0.0
Alternativo-temporal-condicional	0/2/0.0	1/2/50.0	1/2/50.0	0/2/0.0	0/2/0.0
Alternativo-comparativo-condicional	0/1/0.0	0/1/0.0	1/1/100.0	0/1/0.0	0/1/0.0
Alternativo-explicativo-condicional	0/1/0.0	0/1/0.0	1/1/100.0	0/1/0.0	0/1/0.0
Explicativo-condicional	0/6/0.0	6/6/100.0	0/6/0.0	0/6/0.0	0/6/0.0
Adjetiva explicativa/restritiva	0/20/0.0	16/20/80.0	0/20/0.0	0/20/0.0	4/20/20.0
Completiva subjetiva	0/31/0.0	23/31/74.2	2/31/6.5	0/31/0.0	6/31/19.3

Fonte: elaborada pelos autores.

Para a análise do *tipo semântico do verbo*, orientamo-nos, inicialmente, pela tipologia verbal quadripartida proposta por Vendler (1967): atividade, processo culminado, culminação e estado, e adicionamos os tipos verbo *dicendi*, verbo cognitivo e verbo modal, visando a captar sutilezas referentes ao complexo tempo-aspecto-modalidade, as quais poderiam direcionar a opção por uma ou outra forma de codificação da função conjuntiva. Dessa guisa, os números expostos na Tabela 7 direcionam o uso do mais-que-perfeito simples para verbos de estado e *dicendi* (conforme ilustramos em (19) e (20)), ao passo que a perífrase com mais-que-perfeito simples é direcionada a verbos modais (cf. exemplo (21)).

(19) Agradecemos á providencia, diz Araripe. Si menos sensível no espetáculo do mal **FORA** o coração do presidente da comissão Militar, arbitro da vida dos cearenses, HOUVERA corrido com profusão o sangue das victimas em holocausto ao despotismo¹⁹

(20) [...] E, se **DISSESSE** que se malograram as esperanças por mim acariciadas, estaria mentindo a Deus e à propria consciência. [...] ²⁰

(21) Snr. Presidente, se eu poderá, rasgara o véo que occulta o mysterio de semelhante attentado; se eu **PODERA REVELAR** nesta camara o nome da pessoa ou pessoas, que esse presidente encarregou de assassinar a Pinto Madeira, ou

¹⁹ Artigo: Presidentes do Ceará-Primeiro Reinado, 1891, p. 258.

²⁰ Artigo: Uma flor do Clero Cearense, 1955, p. 184.

a quem fallou para assassinar a Pinto Madeira apenas chegando a província do Ceará, todo o mysterio estava patente, toda a discussão tinha acabado²¹

Tabela 7 – Correlação entre forma verbal e tipo verbal na expressão da função conjuntiva (aplicação/total/percentual)

Forma verbal \ Tipo verbal	Pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	Pretérito imperfeito do Subjuntivo	Pretérito mais-que-perfeito composto do Subjuntivo	Perífrase do pretérito mais-que-perfeito simples do Indicativo	Perífrase do pretérito imperfeito do Subjuntivo
Atividade	0/80/0.0	60/80/75.0	6/80/7.5	0/80/0.0	14/80/17.5
Processo Culminado	1/78/1.3	54/78/69.2	16/78/20.5	1/78/1.3	6/78/7.7
Culminação	1/96/1.0	66/96/68.8	20/96/20.8	0/96/0.0	9/96/9.4
Estado	30/450/6.6	363/450/80.7	36/450/8.0	0/450/0.0	21/450/4.7
<i>Dicendi</i>	4/29/13.7	19/29/65.5	3/29/10.4	0/29/0.0	3/29/10.4
Cognitivo	1/46/2.2	35/46/76.1	3/46/6.5	0/46/0.0	7/46/15.2
Modal	2/58/3.5	12/58/20.7	1/58/1.7	10/58/17.2	33/58/56.9

Fonte: elaborada pelos autores.

3.3 ANÁLISE VARIACIONISTA: FATORES ESTATISTICAMENTE SIGNIFICATIVOS

Computadas as formas de codificação da função conjuntiva bem como seus contextos de ocorrência, passamos à análise multivariada no programa Goldvarb X, tendo o mais-que-perfeito simples – cf. *cantara* – e a perífrase de mais-que-perfeito – cf. *pudera cantar* – como valores de aplicação amalgamados em contraposição às demais formas que se expressam no subjuntivo (imperfeito do subjuntivo – cf. *cantasse*; perífrase de imperfeito do subjuntivo – cf. *pudesse cantar* e mais-que-perfeito composto do subjuntivo, esta também com imperfeito do subjuntivo no auxiliar – cf. *tivesse cantado*). Sendo assim, operamos via análise binária das formas de mais-que-perfeito *versus* as de imperfeito na expressão da função conjuntiva.

Para essa análise multivariada, foram consideradas como variáveis independentes as mesmas arroladas nas subseções acima, quais sejam: sincronia, gênero textual, polaridade, conector oracional, tipo oracional e tipo de verbo. Tendo em vista os nocautes (contextos em que se encontra realização categórica da variável), foram necessárias amalgamações, as quais listamos a seguir:

a) os gêneros textuais Carta ao Leitor, Atas das Sessões, Documentos e Relatório da Secretaria Geral foram amalgamados com o gênero “Notas e Transcrições”, por sua natureza técnica, mais voltada a relatos de informações; o gênero Documentário, por sua vez, foi amalgamado com os gêneros “Conferências e Palestras”, por serem gêneros expositivos;

b) os tipos oracionais que apresentam sobreposição, ou seja, os tipos híbridos foram todos amalgamados ao “comparativo-condicional”. Sendo assim, a classificação dos tipos oracionais ficou dividida entre orações condicionais propriamente ditas e orações com condição sobreposta a outra função (por exemplo: comparativo-condicional, aditivo-condicional, alternativo-condicional etc.);

c) o tipo verbal “Atividade” foi amalgamado ao tipo “Processo Culminado”, tendo por base os traços dinamicidade e duratividade.

Após esses ajustes, o programa Goldvarb selecionou como estatisticamente significativos os grupos de fatores tipo semântico do verbo, sincronia e conector, nesta ordem de significância. Favorecem o uso do mais-que-perfeito os fatores verbo *dicendi*, modal e de estado (com pesos

²¹ Artigo: Presidentes do Ceará- Período Regencial- parte I, 1899, p.78-79.

relativos de 0.846, 0.832 e 0.588, respectivamente), as sincronias de 1887-1899 e 1944-1956 (cujos pesos são 0.623 e 0.501) e a ausência de conectivo (com 0.813 de peso relativo), conforme demonstrado na Tabela 8 abaixo.

Tabela 8 – Atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos no uso do pretérito mais-que-perfeito simples/perífrase de mais-que-perfeito simples *versus* formas de pretérito imperfeito do subjuntivo na expressão da função conjuntiva

Grupos	Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso
Tipo verbal	Processo Culminado/Atividade	2/158	1.3	0.311
	Culminação	1/96	1.0	0.179
	Estado	30/450	6.6	0.588
	<i>Dicendi</i>	4/29	13.8	0.846
	Cognitivo	1/46	2.2	0.350
	Modal	12/58	20.7	0.832
Sincronia	1887-1899	26/319	8.2	0.623
	1944-1956	18/308	5.8	0.501
	2000-2012	6/210	2.9	0.317
Conectivo	Presença	45/808	5.6	0.487
	Ausência	5/29	17.2	0.813

Fonte: elaborada pelos autores.

Esses dados mostram o cenário de transição, ou seja, restrições ao uso de uma ou outra forma, o que revela um contexto de variação do qual decorre a mudança, se partirmos da perspectiva de Weinreich, Labov e Herzog (1968) de que toda mudança resulta de um processo de variação. Os resultados referentes à sincronia corroboram essa tese, já que as formas de mais-que-perfeito (simples e em perífrase) são estatisticamente condicionadas pela sincronia mais remota das três sob análise (1887-1899), cujo peso relativo é de 0.623. Paralelamente, a segunda sincronia (1944-1956) também revela favorecimento ao uso do mais-que-perfeito, embora o peso relativo esteja próximo da neutralidade (0.501).

As formas de mais-que-perfeito são também condicionadas por verbos modais, mas também por verbos de estado e *dicendi*, sendo que o primeiro tipo, de fato, leva-nos à leitura modal, comprovando tendência de uso do mais-que-perfeito temporal ao campo subjetivo, o que já foi atestado por Coan (2003, 2020) e Brocardo (2010, 2012). Similarmente, adentram a esse campo subjetivo também os verbos *dicendi*, por estarem em domínio discursivo. Convém destacar que os pesos atribuídos a verbo modal e a verbo *dicendi*, respectivamente 0.832 e 0.846, diferem daquele atribuído a verbo de estado, minimamente acima da neutralidade (0.588). Esses resultados mostram, portanto, que o mais-que-perfeito é forma preferida no âmbito modal (com verbo modal), discursivo (com verbo *dicendi*) e da imperfectividade (com verbo de estado), do que decorre a suposição de que o mais-que-perfeito conjuntivo se prestaria a codificar irrealidade ou menos assertividade em um nível acima do imperfeito do subjuntivo. Outrossim, pode-se considerar que, dos três grupos de fatores selecionados, o tipo verbal é o que mais incide sobre o fenômeno em análise, já que apresenta maior diferença (range de 667) entre os pesos de seus fatores.

Contrariamente à expectativa de que a presença de conectivo condicional reforçaria o valor *irrealis* do mais-que-perfeito, é sua ausência que o condiciona. Cremos que essa tendência decorra

do uso de uma forma mais marcada (o mais-que-perfeito) em contexto menos marcado (com ausência de conectivo condicional), aludindo, portanto, ao princípio da expressividade retórica, nos termos de Dubois e Votre (2012), já que formas cognitivamente mais complexas (como o uso modal do mais-que-perfeito) e menos frequentes podem ocorrer em contextos opostos, ou seja, estruturalmente menos complexos, equilibrando-se, portanto, cognição e codificação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar do processo de variação-mudança entre o pretérito mais-que-perfeito simples e o pretérito imperfeito do subjuntivo na função conjuntiva, incorporamos à proposta a forma composta (pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo) e duas perifrásticas (perífrase com verbo no mais-que-perfeito e perífrase com verbo no imperfeito), ampliando, portanto, o leque analítico da função conjuntiva ao longo de três sincronias (1887-1899; 1944-1956 e 2000-2012).

Dos grupos de fatores sob análise, o programa Goldvarb selecionou como estatisticamente significativos para o uso do mais-que-perfeito simples e da perífrase de mais-que-perfeito simples amalgamados os seguintes fatores: três tipos semânticos do verbo (modal, *dicendi* e de estado), sincronia de 1887-1899 e ausência de conectivo, nesta ordem de significância. Para além dos resultados estatísticos acoplados a esses fatores (por peso relativo), tecemos considerações sobre resultados percentuais globais para cada uma das formas sob análise, pois cremos, como Labov (1978), Lass (1980), Fox (2007) e Bybee (2007), que a frequência é significativa tanto para modular a gramática, quanto para revelar que a competência linguística inclui restrições quantitativas.

Ademais de mapearmos quantitativamente os contextos de ocorrência de cada uma das cinco formas sob análise, apontamos caminhos trilhados por cada forma, mostrando estágios de transição em favor do imperfeito do subjuntivo para a função conjuntiva.

REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid: RAE/ESPASA-CALPE, 1994.
- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1989.
- BACK, A. C. Di P. *A multifuncionalidade da forma verbal –sse no domínio Tempo-Aspecto-Modalidade: uma abordagem sincrônica*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- BARBOSA, J. S. *Gramática Philosophica da Língua Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Lisboa, 1830.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BECKER, M. From temporal to modal: divergent fates of the Latin synthetic pluperfect in Spanish and Portuguese. In: DETGES, U.; WALTEREIT, R. (ed.). *The Paradox of Grammatical Change: perspectives from romance*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2008. p. 147-180.
- BECKER, M. “Cantara” nas encruzilhadas em espanhol e português. In: *Dia da Morfologia*, USP, 2012. Palestra. São Paulo: USP, 27/09/2012.
- BROCARD, M. T. Portuguese pluperfect: elements for a diachronic approach. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies*, Lisboa, v. 5, p. 117-130, 2010.

- BROCARD, M. T. O passado do passado: alguns dados para a história do pretérito mais-que-perfeito em português. *Verba Hispanica*, Ljubljana, XX/1, p. 33-48, 2012.
- BYBEE, J. *Frequency of use and the organization of language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- COAN, M. *As categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlação entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- COAN, M. Obsolescência ou persistência: o mais-que-perfeito conjuntivo. *Linguística*^[L]_[SEP]ALFAL, v. 36, n. 1, p. 9-32, jun. 2020.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DOLZ-MESTRE, J.; SCHNEUWLY, B. Genres et progression en expression orale et écrite. Éléments de réflexions à propos d'une expérience romande. *Enjeux*, n. 37/38, p. 49-87, 1996.
- DUBOIS, S.; VOTRE, S. J. Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. In: VOTRE, S. J. *A construção da gramática*. Niterói: UFF, 2012.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996. p. 127-255.
- FOX, B. A. Principles shaping grammatical practices: an exploration. *Discourse Studies*, v. 9, n. 3, p. 299-318, 2007.
- GIVÓN, T. *A functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1984. v. 1.
- GRYNER, H. Variação e iconicidade: a representação morfossintática de uma hierarquia semântica. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 7, n. 2, p. 139-160, 1998.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, 44. Texas, 1978.
- LASS, R. *On explaining language change*. New York: Cambridge, 1980.
- MARTINS, K. C.; PAIVA, M. da C. V-ra no português: uma análise diacrônica. *Estudos Linguísticos*, v. 42, n. 1, p. 540-552, 2013.
- NEVES, M. H. de M.; SOUZA, E. M. As construções condicionais. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Unicamp, 1999. VII.
- PRESTES, G. J. *Conteúdo temporal do imperfeito do subjuntivo em português*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul, 2003.

RAVIZZA, J. *Gramática Latina*. 14. ed. Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1958. 560 p.

ROJO, G.; ROZAS, V. V. Sobre las formas en *-ra* en el español de Galicia. *Perspectives in the Study of Spanish Language Variation*. Papers in Honor of Carmen Silva-Corvalán. Universidade de Santiago de Compostela, 2014.

ROJO, G. Sobre la distribución de las formas *llegara* y *llegase* en español actual. *Scripta Philologica in memoriam Manuel Taboada Cid*. A Coruña: Ediciones Universidade da Coruña, Tomo II, p. 677-691, 1996.

SAID ALI, M. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Universidade de Brasília, 1964.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

TARALLO, F. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994.

VENDLER, Z. Verbs and Times. In: VENDLER, Z. (ed.). *Linguistics in philosophy*. New York, University Press, 1967, p. 21-32

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P.; MACKIED, M. (org.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

OUTRAS FONTES

Artigo: Formação do povo brasileiro e da nação, seu agonístico caráter nacional – alguns balizamentos, 2009, p. 121.

Artigo: Protohistória cearense, 1944. p. 155.

Pe. Antonio Vieira – In: Barbosa, [1822] 1830, p. 214.

Conferências e Palestras: O que foi a Revolução Cultural na China?, 2006, p. 275.

Artigo: Rodolpho Theóphilo (O polivante polêmico), 2009, p. 220

Artigo: A dimensão metodológica da História Oral, 2001, p. 150.

Discurso: Do Dr. José Waldo Ribeiro Ramos, 1950, p. 382.

Artigo: Seminário da Prainha, uma outra Fortaleza: um velho tema numa nova opção metodológica, 2007, p. 119.

Artigo: Rodolpho Theóphilo (O polivalente polêmico), 2009, p. 232.

Notas e Transcrições: Diversos – Cartas e Registros de Sesmarias, 1893, p.151.

Artigo: O Tradicionalismo do Visconde de Sabóia, 2004, p. 14.

Artigo: Existe o Nordeste? (gênese de sua invenção como região), 2005, p.130.

Artigo: Um livro desconhecido sobre o Brasil Holandês, 1948 p. 286.

Artigo: A Família Barbosa Cordeiro, 2005, p. 18.

Artigo: Minha árvore genealógica, 1950, p. 78.

Discurso: Recepção de novos sócios, 1944, p. 213.

Artigo: Presidentes do Ceará – Período Regencial – parte II, 1899, p. 140.

Artigo: Presidentes do Ceará – Período Regencial – parte I, 1899, p. 76.

Artigo: Presidentes do Ceará – Primeiro Reinado, 1891, p. 258.

Artigo: Uma flor do Clero Cearense, 1955, p. 184.

Artigo: Presidentes do Ceará – Período Regencial – parte I, 1899, p.78-79.